

Para além do assujeitamento: agenciamentos não-monogâmicos de uma mulher puta

Dardo Lorenzo Bornia Junior¹

Resumo

Neste artigo, reflito acerca dos agenciamentos não-monogâmicos através da história de Viviane, ativista da Rede de Relações Livres (RLi) de Porto Alegre. Viviane é uma das minhas principais interlocutoras de pesquisa e se define como puta, tendo a vida marcada por episódios intensos de paixão, tesão e sexo. Sua trajetória não-monogâmica tem início na adolescência e conforma momentos distintos de sua vida, como a “pegação” e a “putaria”, a militância nas relações livres e a experiência da maternidade. A partir do olhar cartográfico na antropologia, percorro trilhas em busca de seus agenciamentos, com o objetivo de ir além de perspectivas teóricas que identificam apenas assujeitamento nas experiências do gênero e da sexualidade. Defendo a ideia de que Viviane teve agenciamentos que consolidaram uma trajetória afetiva e sexual orgulhosamente impositiva, na qual manteve a condução de sua vida, apesar das adversidades, convivendo com as dores e as delícias de ser uma mulher puta.

Palavras-chave: Agenciamento. Sexualidade. Relações Livres. Não-monogamia.

Beyond subjection: non-monogamous agency of a slut woman

Abstract

In this paper, I discuss agency in non-monogamous relationships through the story of Viviane, an activist for Rede de Relações Livres (RLi) from Porto Alegre, Brazil, and also a very important research interlocutor. She defines herself as a slut, and her life is marked by explosions of sex and passion. Her experiences with non-monogamy started when she was a teenager, and make part of her life all time since then, including the period of sluthood, the activism for free non-monogamous relationships and the experience of motherhood. I follow paths from the anthropology of becoming towards her agency, with the aim of overcoming theoretical perspectives that only see subjection on gender and sexuality experiences. I argue that she has acted with agency in so many ways, reinforcing a proudly imperative emotional and sexual trajectory, in which she took over control of her life in spite of the adversities, having ups and downs living as a slut.

Keywords: Agency. Sexuality. Relações Livres. Non-monogamy.

Introdução

Neste artigo, reflito sobre os agenciamentos não-monogâmicos de Viviane², ativista da Rede de Relações Livres (RLi) de Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Viviane foi uma das principais interlocutoras da minha pesquisa de doutorado³ e se define, acima de tudo, como uma mulher puta, que tem o controle de sua vida

1 Professor de Ciências Sociais no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Sul (IFRS). Doutor em Antropologia Social e Mestre em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Membro do grupo de pesquisa Políticas, Afetos e Sexualidades Não-Monogâmicas. E-mail: dardo.bornia@riogrande.ifrs.edu.br

2 Viviane é um nome fictício, assim como todos os outros citados doravante no texto.

3 A tese de doutorado é resultado de minha etnografia sobre relações não-monogâmicas no Sul do Brasil, realizada entre 2014 e

afetiva e sexual devido à personalidade determinada e impositiva. No decorrer do texto procuro evidenciar os agenciamentos e as singularidades de suas experiências, demarcando uma posição de discordância com relação às análises que identificam somente assujeitamento e reprodução de normatividades nas práticas e afetos da sexualidade. Defendo a ideia de que, embora submetida muitas vezes a relações assimétricas de poder, sobretudo no tocante ao gênero (SCOTT, 1999; BRAH 2006, PISCITELLI, 2008), Viviane produziu agenciamentos marcantes para a formação de uma trajetória orgulhosamente impositiva, na qual resignificou a categoria de puta e os preconceitos decorrentes do estigma de ser uma mulher sexualmente livre.

Escolhi Viviane porque, além de ser uma das pessoas que acompanhei por mais tempo e com maior dedicação, fermentando um intenso processo de afetação etnográfica (FAVRET-SAADA, 2005), sua trajetória se caracterizou como uma das mais desafiadoras para trabalhar os problemas teóricos da minha pesquisa, devido à riqueza de experiências e posicionamentos assumidamente controversos. De fato, ela parece encarnar voluntariamente uma profusão de contradições, que tensionam noções e princípios norteadores dos debates militantes sobre não-monogamia.

A investigação do agenciamento requer uma imersão rizomática na história do sujeito, uma mirada cartográfica que explora não só suas ações visíveis e lineares, mas, sobretudo, as dobras e multiplicidades, os devires e transformações micropolíticas dos seres desejanter (GUATTARI e ROLNIK, 1996). Para me imbuir deste olhar, guiei-me pela antropologia do devir, que conjuga os métodos etnográfico e cartográfico⁴. A análise de histórias de vida é um dos recursos mais potentes desta perspectiva teórica, pois permite o estudo de processos abrangentes a partir dos devires de pessoas, que, segundo Biehl (2008, p.419), “condensam realidades macrosociais”.

Destaco os agenciamentos de Viviane para compreender como suas experiências tensionam e criam fissuras ou linhas de fuga nas normatividades

de gênero e sexualidade⁵. Para Butler (1999), os sujeitos são produzidos na relação com as normas e constrangidos a recitá-las. As próprias normas, no entanto, não são estanques, mas processuais, sendo permanentemente reeditadas e rompidas. Assim, não se trata de um processo hermético no qual existe o controle de todas as circunstâncias e possibilidades. No seu decorrer, há margens para o desvio, pois, embora a subjetivação opere no sentido da reiteração da norma, a instabilidade e contingência dessa repetição abrem espaço para o agenciamento como resistência, singularidade e produção da diferença.

Para refletir sobre tais agenciamentos é preciso ainda contextualizar a não-monogamia e, em especial, as relações livres. Com efeito, não-monogamia é um “guarda-chuva conceitual” referente a um conjunto de práticas, moralidades e formas de experimentação das relações afetivas e sexuais, tais como o poliamor, as relações livres, o relacionamento aberto e o *swing*, que se contrapõem, tensionam ou criam alternativas à mononormatividade, isto é, ao regime familiar, afetivo e sexual monogâmico compulsório, centrado no casal heterossexual e no amor romântico (CARDOSO, 2010; BARBOSA, 2011; PILÃO, 2017; SILVÉRIO, 2018).

Tais formas de não-monogamia estão situadas no âmbito das transformações recentes da conjugalidade e da intimidade, referentes a um regime contemporâneo específico de subjetivação nos países ocidentais. A rigor, as últimas décadas foram marcadas pela crise do modelo familiar burguês legitimado no amor romântico, o que, além da legalização do divórcio, engendrou a proliferação de formas alternativas de relacionamento, muito mais flexíveis e instáveis que o casamento e desestabilizadoras do paradigma mononormativo do matrimônio heterossexual (BECK e BECK-GERNSHEIM, 2003; BOZON, 2004; GIDDENS, 2011).

A partir do surgimento do poliamor nos Estados Unidos no início da década de 1990 e de sua difusão em outros países, emergiram grupos com o propósito de consolidar identidades e práticas não-monogâmicas, lutando pela visibilidade política desse tema. No Brasil, os primeiros grupos de poliamoristas começaram

2018. Ver Bornia Jr (2018).

4 A antropologia do devir põe a investigação antropológica em diálogo com a filosofia deleuziana, que tem na ontologia do desejo o princípio de oposição ou complementaridade às teorias pós-estruturalistas dos dispositivos de poder e normatividades (BIEHL e ESKEROD, 2005; BIEHL, 2008; BIEHL e PETRYNA, 2013).

5 Na ontologia deleuziana, linhas de fuga são fissuras moleculares que quebram linhas molares de poder (DELEUZE e GUATTARI, 1995).

a se organizar nos anos 2000, utilizando a internet como principal ferramenta de divulgação. Na mesma década, foi criada em Porto Alegre a Rede de Relações Livres, bastante influente no Sul do país (BARBOSA, 2011; 2015; PILÃO, 2017; SILVÉRIO, 2018; BORNIA JR, 2018).

A noção de poliamor é geralmente confundida com a de não-monogamia por ser sua forma mais difundida atualmente. De acordo com Cardoso (2010), o poliamor é uma forma de não-monogamia responsável, motivada pela pluralidade afetiva (possibilidade de amar e se relacionar com mais de uma pessoa ao mesmo tempo) e fundamentada no consentimento de todas as partes envolvidas. A responsabilidade é o que garante o estatuto moral do poliamor e é exercida através do diálogo e da honestidade entre os parceiros. As relações poliamorosas podem se desenrolar no formato aberto, com a possibilidade de múltiplos e novos amores, ou fechado, com a polifidelidade entre três ou mais pessoas (PILÃO, 2015).

A Rede de Relações Livres (ou RLi), por sua vez, foi criada em Porto Alegre em 2006, a partir da fusão dos coletivos locais Família e Feminismo, que havia surgido no Fórum Social Mundial de 2002 para tematizar o feminismo e tecer críticas à família monogâmica, e Frente Única de Libertação Sexual, constituído por jovens militantes que praticavam a multiplicidade afetiva e sexual⁶. O conceito de relações livres é, no entanto, anterior ao RLi, aparecendo pela primeira vez em 2003 no manifesto “Sexo, prazer e afetividade” de autoria do grupo Família e Feminismo.

Forma militante de não-monogamia, as relações livres se identificam pela autonomia e liberdade dos sujeitos para a expressão e a prática de desejos afetivos e sexuais (BARBOSA, 2011; RODRIGUES et al, 2017). Em vez da pluralidade de amores, a ênfase está na liberdade dos relacionamentos, de modo que seja possível constituir vínculos mais ou menos íntimos e duradouros, incluindo relações casuais. À centralidade do amor como matéria-prima das relações afetivo-sexuais, os RLis contrapõem a amizade como afeto preponderante (KESSLER, 2013). Outra diferença marcante em relação ao poliamor é a posição a respeito do casamento e da polifidelidade, pois, como são baseadas na liberdade pessoal, as relações livres

rejeitam radicalmente o casamento e qualquer forma de relacionamento fechado.

O desenvolvimento desse artigo, na sequência, está dividido em três subtítulos, que reconstituem partes da história não-monogâmica de Viviane. Em *Tilt não-monogâmico*, narro o começo de sua vida afetiva e sexual na adolescência, marcada pelo sentimento de inadequação à monogamia e pela cristalização do estigma de puta. Em *Homem em um corpo de mulher* conto suas experiências sexuais mais intensas e a percepção da bissexualidade, nos anos de juventude, bem como trago elaborações de Viviane sobre questões de gênero para justificar seu próprio comportamento sexual. Em *Relações livres: “virando a chave geral”*, finalmente, abordo a recaída monogâmica e a subsequente descoberta do RLi, que, segundo ela, empoderou-lhe para ter relações não-monogâmicas. Além disso, conto as mudanças decorrentes da gravidez e do nascimento de sua filha, que fizeram-na se adaptar a uma rotina de casal e a moderar a vida de puta.

Tilt não-monogâmico

Conheci Viviane em 2014, em viagem que fiz com os RLis para celebrar o ano novo na Colina do Sol, colônia naturista situada em Taquara, a 70km de Porto Alegre. Ela estava com seu companheiro Humberto e a filha do casal, então com um ano. À primeira vista, impressionou-me sua postura despojada, contrabalanceada pela voz impositiva. Os dois comandaram as atividades da cozinha do *camping* e prepararam a ceia da noite da virada. Depois dessa viagem, encontrei-a na capital diversas vezes: em eventos do RLi e na rua, onde ela trabalha vendendo os cartões artísticos que faz. Em maio de 2017, entrevistei-a em minha casa.

Viviane tem uma trajetória nômade, que inclui algumas viagens andarilhas pelo país. Ela é de Pelotas, sul do estado, mas mora em Porto Alegre desde 2006. Vive parte do tempo em um sítio na zona sul da cidade, com o companheiro e a filha, onde conduzem um projeto de educação comunitária para crianças. No tempo restante, mora em um conjunto habitacional popular com a filha, uma prima e uma tia, com as quais divide as despesas do apartamento. Viviane é branca e trabalha como artesã, vendedora e escritora, sendo coautora do livro sobre relações livres publicado pela

6 Para um histórico do RLi, ver o blog <https://amarepermanecerlivre.wordpress.com/breve-historico-rli-poa/>

rede RLi⁷. Quando a entrevistei, estava com 32 anos. Apesar de ser jovem, considera-se muito “vivida”: “quem vê essa carinha aqui de 32 não imagina o que esse corpinho já passou”⁸.

No verão de 2018, ela me mandou a seguinte mensagem pelo Facebook: “esses dias eu ‘tava’ pensando sobre o teu trabalho e cheguei à conclusão de que se ele realmente atingisse o objetivo de descobrir qual é o ‘tilt’⁹ no sistema que faz as pessoas ‘virarem’ não-mono ele seria bastante perigoso”. Para Viviane, compreender o que torna uma pessoa não-monogâmica é uma questão fundamental. Conforme a metáfora do *tilt*, a não-monogamia se enquadraria como um “erro de sistema”: uma espécie de determinismo sexual que se manifestaria a partir de origens misteriosas. No seu caso, o *tilt* teria sido acionado no início da puberdade. Como ela diz categoricamente: “sempre fui puta”.

Cabe destacar a palavra puta. Enquanto muitos não-monogâmicos no Brasil ressaltam a dimensão moral e política da não-monogamia, enaltecendo em primeiro lugar a liberdade e a autonomia, a história de Viviane é baseada sobretudo nas sensações corporais, nos arroubos de paixão, tesão e sexo. A diferença é mais acentuada na comparação com os poliamoristas, que fundamentam a moralidade do poliamor na negação da promiscuidade (KLESSE, 2006; FRANÇA, 2016; PILÃO, 2017; SILVÉRIO, 2018). Entretanto, mesmo os RLis, que rejeitam a hierarquia entre relações amorosas e casuais, destacam principalmente a autonomia política do indivíduo para se relacionar com outras pessoas (BARBOSA, 2011), ao passo que Viviane parte do tesão e paixão e da condição de puta para tecer sua própria história não-monogâmica.

Viviane começou a “ficar” com garotos por volta dos 12 anos e já partiu, como diz, “direto para os amassos mais fortes”. Aos 14, teve o primeiro namoro monogâmico, no qual “se convenceu de estar apaixonada, já que não podia justificar a relação apenas com o fato de sentir muito tesão”. No ensino médio, começou a transar com muitos rapazes e homens mais velhos. Segundo ela, nessa fase só queria ficar e se divertir. Depois de conhecer um casal do movimento estudantil que vivia um relacionamento aberto, que a deixou encantada, tornou-se “não-monogâmica

empírica” (noção elaborada para demarcar uma diferença em relação ao conhecimento teórico da não-monogamia quando conheceu o RLi) aos 15 anos. A partir daí, passou a apresentar a “descoberta” para os ficantes com quem cogitava continuar, desde que fosse no formato aberto: “eu estava com uma pessoa e dizia ‘eu não acredito em namoro, em exclusividade, vou continuar ficando com quem eu quiser, tendo relações com quem quiser”. Viviane tinha convicção sobre a nova forma de conduzir sua vida afetiva e sexual: “essa já era uma coisa muito clara para mim e eu simplesmente expunha para os caras que era assim”.

Em *The Ethical Slut*, Easton e Hardy (2009) exortam, em tom de manifesto, uma nova ética baseada na positividade do sexo ou da putaria. *Slut* significa “puta”, “vadia”, “galinha”, e é um termo comumente utilizado de forma pejorativa para se referir a pessoas sexualmente ativas, abertas, transgressoras, especialmente mulheres e demais sujeitos subalternizados nas relações de gênero e sexualidade. Invertendo este sentido, as autoras consideram *slut* como termo de aprovação, caracterizando “pessoas de qualquer gênero que celebram a sexualidade de acordo com a ideia radical de que o sexo e o prazer são bons” (p.4).

No início da adolescência, Viviane se considerava sexualmente “normal”. Contudo, já era julgada como puta: “só que mesmo eu não me vendo como diferente, as outras meninas se viam como diferentes de mim; já tinha meninas que não saíam comigo porque eu estragava a reputação delas, isso eu tendo 13 e elas 15”. Ser puta, nesse contexto, era a aceitação de um destino, selado por um *tilt* ou “bug no sistema”: “as pessoas me viam como puta, o meu corpo me dizia que eu era puta, e eu não via sentido em não aproveitar”. Easton e Hardy (2009, p.41) chamam atenção para o estigma de ser puta, afirmando que o “mundo é um lugar muitas vezes perigoso para quem é *slut*”. Os esforços posteriores de positivação desse rótulo indicam uma postura corajosa de Viviane, que a fazem se aproximar dos ideais de *Ethical Slut* e a diferenciam dos poliamoristas, que rejeitam a promiscuidade por desvalorizarem o sexo sem amor, acreditando que tal conduta objetiva os parceiros (PILÃO, 2017, p.56), bem como por receio de serem estigmatizados.

7 Ver Rodrigues et al. (2017).

8 A partir deste subitem, trago uma série de falas de Viviane em citações diretas compreendidas entre aspas.

9 *Tilt* é uma palavra proveniente do inglês, que, no Brasil, é usada como gíria para se referir a pane em sistemas e aparelhos eletrônicos. Em sentido mais amplo, refere-se também a pessoas, expressando uma “pane repentina” que produz desordem, confusão mental ou loucura.

Segundo Viviane, Douglas não pedia para fechar o relacionamento porque ela sempre se antecipava e impunha o acordo estabelecido entre os dois: “nunca dava chance de a pessoa achar que eu ia me prestar ao papel de ‘namoradinha’, assim ele nem me cobrava”. Em relação ao tema dos acordos, Silvério (2018) observa haver relações não-monogâmicas em que os homens se apegam ao que foi acordado para legitimarem a subjugação das mulheres, constituindo uma ficção de igualdade em relações marcadas por assimetrias de gênero. No caso de Viviane, inversamente, era ela quem impunha os termos do acordo; mas, sensível ao sofrimento do namorado, terminou com ele após três anos de relação, mesmo apaixonada: “não era isso que eu queria; eu queria ficar com uma pessoa que estivesse de bem com a situação”. Assim, considera ter agido com a responsabilidade afetiva que, segundo Silvério (2018, p.231), frequentemente falta aos homens.

O namoro com Douglas marca o início de uma história de relações não-monogâmicas caracterizadas pela “imposição da liberdade”, nas quais Viviane se posiciona ativamente, não raro às custas de sofrimento, para agenciá-las de modo a preservar sua autonomia, conforme as contingências das suas experiências (SCOTT, 1999; BRAH, 2006). Os primeiros “rolos” e experimentações sexuais são parte de um processo mais amplo de se identificar e viver como uma puta, “sem paciência para apego e romantismo”. A partir dos devires de apaixonamento, contudo, teve de lidar com as contradições de amar e querer ser livre ao mesmo tempo. Para Viviane, não era difícil conciliar ambos, já que se considerava muito segura, madura e não era ciumenta. O difícil era lidar com as inseguranças e o ciúme dos parceiros. A postura mandona e impositiva lhe foi essencial, portanto, para “o exercício de papéis dominantes nas relações”.

A preferência por homens mais velhos é reveladora dessa imposição de liberdade. Segundo ela, os mais velhos eram decididos e “não estavam nem aí para compromisso”. Isso não a intimidava. Ao contrário, trazia-lhe a adequação necessária para ter relações com mais liberdade, sem “se amarrar”. Além disso, ficava com eles em situações muitas vezes clandestinas, o que facilitava o trabalho de evitar relacionamentos fechados. Eis uma reflexão sua: “muitos homens querem ficar contigo, mas não querem te assumir; os caras ainda separam as mulheres nas que são para transar e nas que são para casar. Como ninguém nunca me

classificou como sendo para casar, eu nunca tive esse problema”. Nesse caso, percebe-se o agenciamento como capacidade facultada por um contexto de subordinação (MAHMOOD, 2006). Viviane teceu relações que atendiam às suas expectativas a partir das conformações hierárquicas de um sistema classificatório de gênero.

Homem em um corpo de mulher

Viviane explica suas singularidades através de uma leitura de si muito curiosa: “para mim era uma coisa de gênero, eu sempre achei que eu era um homem em um corpo de mulher”. A rejeição ao romantismo e a identificação como puta, não enquanto demérito, mas como atributo ativo de sua sexualidade, associavam-se à negação da “feminilidade”. Viviane repudiava a “emotividade” das mulheres, identificando-se com a masculinidade hegemônica (VALE DE ALMEIDA, 1995). Assim, fazia amizades com rapazes e não conseguia fazê-las da mesma forma com as meninas: “elas me consideravam uma ameaça ou vinham com essas coisas mais românticas e isso me irritava; eu sempre tive problemas para me relacionar com mulheres no padrão de feminilidade da sociedade”. Essa feminilidade como melodrama, resultado de tecnologias de produção de sujeitos femininos (ABU-LUGHOD, 2003) é, na verdade, percebida por Viviane inclusive em mulheres que ela identifica como “diferentes” ou “alternativas”. A maternidade foi o ponto de inflexão desse olhar: “demorou muito tempo para eu superar isso, acho que só superei depois de virar mãe; hoje a maternidade é um elo, ela me conecta com o resto das mulheres, mas antes era muito difícil”.

O horror ao casamento se insere no registro disruptivo do “erro no sistema” de gênero: “nunca sonhei que um dia eu ia casar, entrar numa igreja, ser feliz para sempre com alguém; não tenho a mínima ideia do que ‘buga’ no sistema para sair uma Viviane, mas alguma coisa ‘bugou’ no processo”. Em relação a isso, Viviane diferencia a si própria das outras mulheres: “porque a maioria das meninas da minha geração tinha o sonho de se casar, mesmo no modo do casamento moderno, em que tu casa quando está formada, independente, ganhando bem”. Tal rejeição, associada na juventude a um “bug” de gênero, seria reformulada anos depois ao descobrir a Rede de Relações Livres, passando a constituir uma crítica política à instituição do casamento baseada no materialismo histórico de Engels, referência

primordial para a rede. De qualquer maneira, mesmo sem conhecer grupos não-monogâmicos Viviane já indicava desterritorializações expressivas, em linhas de fuga que a afastavam do casamento, instituição estruturante da família heteronormativa e monogâmica (BARBOSA, 2011, p.29-30).

Apesar da “cabeça de homem”, Viviane sabia que tinha “corpo e tesão de mulher”, já que desejava homens e não queria ser um deles. Para ela não era um problema ser mulher. Sua masculinidade residiria nas radicais diferenças emocionais e predisposições sexuais. Um exemplo disso é o fato de ter desenvolvido uma autoestima de caçadora, o que, segundo ela, é incomum nas mulheres. Depois de Douglas, relacionou-se com Igor em Porto Alegre: “não foi um relacionamento aberto, foi um relacionamento escancarado”, brinca. Em 2005, os dois faziam parte de um grupo de amigos que se reunia para transar, que ela chamava de “galera da festa do apê” ou “galera da suruba”. É interessante destacar esse último nome, pois embora se refira por vezes a tais experiências como *swing*, Viviane prefere usar o termo “suruba”. No *swing*, o elo afetivo-sexual entre o casal é prioritário, sendo essa a unidade que lhe dá sentido (SILVÉRIO, 2018, P.74). No entanto, para ela, a própria configuração diádica não tinha mais sentido, preferindo, desse modo, falar em “grupo da suruba” em vez de se identificar como casal *swinger*.

Viviane adorou a experiência de “caçar” com o parceiro, que só lhe aconteceu na relação com Igor. Nessa época, “rolava muita festa no apê, muito sexo em grupo, e tendo o Igor no meio a orgia estava garantida”. Easton e Hardy (2009, p.78) refletem sobre o ato de “caçar”, repudiando a ideia de caça como conquista sexual de vítimas indefesas, em que a autoestima é resultado da predação. Cabe diferenciar tal sentido, recorrente em práticas de homens cis heterossexuais, daquilo que expressa Viviane. Sua autoestima de caçadora tem a ver com “pegar” mais gente e ser sexualmente propositiva. Para ela, ser “pegadora” era motivo de orgulho.

O grupo da suruba está associado à descoberta da bissexualidade. Vários participantes eram bissexuais, enquanto outros se abriam a experiências *bi* e homoeróticas (COSTA, 1992; ROSENEIL, 2006). Aos 20 anos, Viviane participou de uma suruba só para mulheres: “foi aí que comecei a gostar de ficar com mulher, depois que eu fiquei com mulher foi muito forte”. No começo, sentiu-se confusa e questionou

a própria orientação sexual. De qualquer forma, o tesão por homens era evidente, o que lhe garantia não ser lésbica. Além disso, a oportunidade de ficar com mulheres surgia menos: “mas se aparecia, eu não dispensava, né. Lembro que os meus amigos ficaram apavorados, dizendo que se eu já pegava geral quando pegava homem, imagina agora que estava pegando homem e mulher”. Nesse caso, há uma aproximação com a percepção poliamorista da bissexualidade como ampliação das possibilidades (PILÃO, 2012, p.15), com a diferença de que para ela eram possibilidades sexuais, não amorosas.

No ano seguinte, namorou uma mulher em Pelotas, mas não se adaptou. Viviane pensa que a dificuldade de se relacionar com mulheres é similar à de fazer amizades com elas: “a experiência de namorar uma mulher é muito forte, mas mulher é um bicho muito complicado; eu adoro transar com mulher, mas ter relacionamento, para mim, é difícil, os jogos, as culpas, tudo é muito diferente”. Viviane se considera bissexual, mas não bifaetiva, ficando às vezes com mulheres e se relacionando com homens. Tais experiências se enquadram na tese de que mulheres não-monogâmicas tendem a ser pan/bissexuais ou a se abrirem à pan/bissexualidade (PILÃO, 2012; 2017; SILVÉRIO, 2018). No entanto, reforçam as desconfianças de mulheres lésbicas acerca das bissexuais de que essas veriam as relações homossexuais como diversão ou passatempo, devido à propensão a terem relacionamentos “reais” heteroafetivos. Viviane constituiu uma hierarquia relacional que, segundo as lésbicas, resulta da relação de mulheres bissexuais com seus opressores (MEINERZ, 2011; PILÃO, 2017, p.118).

É possível compreender as experiências de Viviane, refletindo sobre normatividades e performatividades de gênero (BUTLER, 1999; 2003), na complexidade de suas controvérsias e contradições. Com efeito, ela teve agenciamentos decisivos na condução de sua vida sexual, marcada pela abundância (EASTON e HARDY, 2009, p.270-271). Apesar de ter construído sua trajetória afetiva e sexual a partir de uma perspectiva heteronormativa, abriu-se a práticas bissexuais e desfrutou delas com intensidade. Por outro lado, essencializando diferenças bem demarcadas entre o masculino e o feminino, rejeitou a feminilidade e se sentiu, por muito tempo, um homem em um corpo de mulher.

Cabe lembrar que, como as normas dependem de reiteração, a aproximação a qualquer ideal de gênero nunca é completa, portanto os corpos não obedecem totalmente às normas através das quais são produzidos (ARAN e PEIXOTO JR, 2007). Viviane pode soar como paradoxo, pois apresenta comportamentos emancipatórios ao mesmo tempo em que reproduz práticas conservadoras. Tal dissonância, no entanto, é parte constitutiva da micropolítica dos corpos desejantes (DELEUZE e GUATTARI, 1995; GUATTARI e ROLNIK, 1996), sendo a percepção de unidade e coerência uma ficção política discursiva.

Relações livres: “virando a chave geral”

Nessa mesma época, Viviane sofreu uma decepção amorosa em Pelotas. Após ser “deixada por um namorado, que voltou para a ex-mulher”, resolveu mudar-se de vez para Porto Alegre. Até então, tinha uma vida nômade entre as duas cidades. Para tanto, fez o vestibular da UFRGS e foi aprovada. Nesse período, teve muita solidão e dificuldades financeiras, passando por uma reterritorialização que chama de “recaída monogâmica”. Igor estava namorando outra mulher e a “galera da suruba” estava desorganizada. A vida de solteira não teve o agito que esperava. Fazendo uma comparação da nova realidade com Pelotas, diz: “lá eu conhecia mais gente, lá muito mais caras sabiam que eu era puta, então tinha mais opções para dar. Aqui eu tinha o trabalho de explicar ‘posso te dar e não vou ficar te enchendo o saco’, eu não vou te ligar no dia seguinte”. Depois de alguns meses, começou a trabalhar com o artesanato de cartões e foi morar em um apartamento no centro.

No começo da faculdade, aos 22 anos, conheceu Fabiano, “um rapaz amadurecido e envelhecido pela vida sofrida, que trabalhava desde a infância”. Após pouco tempo juntos, ele foi morar em seu apartamento. Viviane apresentou-lhe as “vantagens da não-monogamia”. Fabiano primeiro ficou com outras mulheres, mas quando ela quis ficar com outros homens, ele não aceitou e “surtou”. Mostrou-se possessivo e ciumento. Vendo que a situação não mudaria, ela optou por fechar a relação. Embora a ocorrência do ciúme não tenha a ver com gênero, as mulheres são as que mais sofrem as violências a ele atreladas (SILVÉRIO, 2018, p.125), como o comportamento controlador e ameaçador de Fabiano. Alguns meses depois, foram morar em uma

ocupação, pois estavam passando por dificuldades financeiras. A essa altura, o relacionamento estava muito desgastado.

Viviane relata alguns episódios de agressividade e descontrole de Fabiano. Certa vez, ele teve um ataque de ciúmes e a agrediu quando ela voltava de um aniversário. Começou a persegui-la pela rua aos gritos: “ele me carregou à *moda* Jane, tipo o Tarzan carrega a Jane; me botou no ombro com força e eu batia nele”. Ela conta que sofreu violência física, mas o perdoou. Anos depois, precisou desculpar a si própria por tê-lo perdoado. Tais atos foram se tornando recorrentes, assumindo a feição crônica e estabilizada que caracteriza, muitas vezes, a violência doméstica contra as mulheres (FONSECA et al., 2012, p.310). Apesar da postura “mandona”, como frisa, Viviane teve experiências de submissão na relação que restringiram sua capacidade de agenciamento da própria vida (SCOTT, 1999; BRAH 2006, PISCITELLI, 2008). A partir disso, passaram a brigar cada vez mais, até ela finalmente terminar o namoro. “Foi minha relação mais tipicamente monogâmica, com toda a parte ruim da monogamia. Se eu precisava de uma relação fechada para saber que não queria ser monogâmica, essa me deu tudo o que eu precisava”, conclui.

Pouco depois do término, conheceu a Rede de Relações Livres. Na época, estava com 23 anos. Ela descreve esse momento como um “divisor de águas”, causando-lhe a sensação de “virar a chave geral”:

Eu me identifiquei pela questão do RLi e pensei: ‘gente, eu não sou a única’. Eu entrei numa fase de achar que eu era a única, entendeu? Sabe, eu não conhecia pessoas que tivessem experiências não-monogâmicas bem-sucedidas, tão boas e até melhores que as minhas. As pessoas que eu conhecia eram só ‘terra arrasada’, elas só falavam que não dava certo, que dava sofrimento. Aí eu conheci uma galera que tinha relacionamentos não-monogâmicos saudáveis, que eram felizes nos relacionamentos. Foi uma sensação de *virar a chave geral*, parece que eu tirei cinquenta toneladas das minhas costas.

Esse novo processo de desterritorialização, cujas linhas de fuga não-monogâmicas são intensificadas pela militância e pelo conhecimento teórico-político proporcionados pela Rede de Relações Livres compõe, na visão de Viviane, uma fase de “empoderamento”, que decorre da coprodução política de sexualidades não-abjetas (BENTO e PELÚCIO, 2012; CARRARA;

2015). Viviane estava ficando descrente do próprio ideal de liberdade afetiva e sexual, até que conheceu o grupo e se sentiu acolhida. No RLi, começou a ficar com Cláudio, com quem diz ter mantido um ótimo relacionamento, com sexo de qualidade, mas também cumplicidade e diálogo. Ela destaca a maturidade da relação, que atingiu um nível de reciprocidade de apoio e responsabilidades que até então não tinha vivido: “eu sempre tinha um problema, um *déficit*, era sempre eu que queria, que propunha, tinha que explicar tudo para a pessoa, segurar a onda dos problemas, e agora não, eu estava com uma pessoa mais experiente que eu”.

Nesse sentido, observa-se uma importante alteração na forma de Viviane experimentar a não-monogamia. Enquanto antes ela era marcada pela imposição de liberdade e autonomia e pela honestidade a si própria, características que pautam o debate público sobre o poliamor e as relações livres no Brasil (PILÃO, 2017; SILVÉRIO, 2018), a partir da relação madura com Cláudio ela passa a destacar princípios comuns na esfera angloestadunidense, como o diálogo, a mutualidade e a dedicação ao outro (PILÃO, 2015). A intimidade baseada em comunicação e compromisso se tornou central no seu relacionamento (KLESSE, 2006). Por alguns meses, namorou apenas Cláudio, mantendo seus “casinhos pela rua” e participando de surubas, visto que não queria se envolver e arriscar abalar a estabilidade relacional que havia alcançado. Na realidade, ela vinha tentando criar esse tipo de parceria desde a relação aberta com Douglas, mas como não encontrava a reciprocidade necessária nos homens, acabava concentrando seus esforços em garantir a própria liberdade.

Viviane sempre se sentia responsável pelas relações, pois os homens com quem ficava, segundo ela, não eram suficientemente maduros para viver a não-monogamia. Mesmo quando se interessavam por relações abertas, tinham crises de ciúme e manifestavam comportamentos possessivos. Avaliando os parceiros como “fardo”, ela se coaduna aos exemplos de mulheres não-monogâmicas que identificam dificuldades afetivas em relacionamentos com homens cis heterossexuais, mesmo quando eles exercem masculinidades não-hegemônicas (SILVÉRIO, 2018). Dessa forma, reflete: “tu é o adulto responsável pela relação mesmo quando tu é uma criança. Em muitos casos, para garantir a minha liberdade, eu tinha que me manter no controle da relação, e isso dava uma enorme demanda,

entendeu”. O agenciamento era, portanto, negociado em contextos assimétricos de gênero (MAHMOOD, 2006; ORTNER, 2006; PISCITELLI, 2008), em que se destacava o “excesso de energia despendida”.

Apesar da mudança representada pelo encontro com o RLi e do “empoderamento” que a rede lhe trouxe, os devires constitutivos de relações desgastantes persistiram na trajetória de Viviane. Considerando-se uma “mulher forte e impositiva”, ela continuou cultivando relações tutelares e condescendentes com homens dependentes. Com efeito, a cristalização da identidade RLi e seu *modus vivendi* passou a coexistir com afecções anteriores, constituindo não propriamente emancipação, como o discurso identitário (que iguala sujeitos a identidades institucionalizadas) reivindica, mas um rizoma onde novas linhas moleculares emergem em um mosaico também composto por molaridades novas e velhas (DELEUZE e GUATTARI, 1995; 2011).

Viviane destaca dois relacionamentos com tais características, vividos em tempos de “consciência das relações livres”. Como afirma: “cansada da tranquilidade, arrumei sarna para me coçar”. Primeiro, relacionou-se com Sérgio. Por alguns anos, teve a “vida dividida entre o caos com ele e os ‘dias de sol’ com Cláudio”. Sérgio não era possessivo, mas tinha oscilações bruscas de humor e autoestima muito baixa. Viviane diz que ele sempre a depreciava e ela não conseguia não revidar, qualificando a relação como “abusiva de ambas as partes”. Sérgio era dependente químico e se tornou bastante dependente dela, que, assumindo responsabilidades pelo parceiro, tardou a se separar devido ao sentimento de culpa decorrente de ter incorporado o “papel de mãe”. Ademais, destaca o relacionamento com Renato, em que sofreu constantes tentativas de controle que a fizeram sentir uma grande decepção, visto que não esperava mais encontrar tanta possessividade em suas relações depois que entrou para o RLi. Viviane voltou a acionar com ele a “pedagogia afetiva de ensinar os homens a serem não-monogâmicos”, já que Renato estava recém descobrindo as relações livres. No entanto, ele encarnava o perfil do “esquerdomacho” (PILÃO, 2017, p.117; SILVÉRIO, 2018, p.231), que desejava ser livre para transar com outras mulheres, mas não aceitava que ela agisse da mesma forma. Assim, acabou terminando com ele após um de seus “surtos de ciúmes”, mesmo estando apaixonada.

Refletindo sobre os sucessivos relacionamentos, Viviane diz que não fica sem alguma relação estável desde os 16 anos. A partir de então, sempre teve relações fixas e casuais, bem como diversas paixões. Em suas palavras: “eu me separava de uma pessoa e já me apaixonava por outra, tem uma música do Sérgio Sampaio que diz ‘quanto mais eu me apaixono, mais coração me aparece’; eu sou viciada na própria sensação de estar apaixonada”. Alguns dias depois de terminar com Renato, encontrou-se com Humberto, o atual companheiro. Na época, eles ficavam ocasionalmente, mas decidiram estreitar a relação. Viviane estava com 27 anos. Resolveram ter um filho e começaram a morar juntos depois que ela engravidou, tornando-se parceiros praticamente exclusivos e centrando a rotina do casal na gravidez e no bebê.

Viviane se considera realizada no que diz respeito às experiências afetivas e sexuais. Ao refletir sobre as dificuldades da vida de mulher não-monogâmica, destaca a personalidade impositiva e o “empoderamento” proporcionado pelas relações livres:

Eu sempre sofri preconceito e discriminação por conta da minha sexualidade. Eu já sofria preconceito pela sexualidade muito antes de ser RLi. Eu já nasci puta, então eu já sofria preconceito. Para mim, encontrar uma teoria na qual eu não estou errada, os errados são os outros, digamos assim, me ajudou muito a ter uma compreensão de mundo. *Mas se não fosse não-monogâmica, eu ia ser uma mulher monogâmica puta* simplesmente. Então, a possibilidade de não sofrer preconceito eu considero que nunca me foi dada. Eu sou oprimida, eu sofri preconceito várias vezes, mas ao mesmo tempo o fato de ter uma teoria que me empodera, que me protege de relacionamentos abusivos, que me protege de homem machista, esse tipo já tem nojo de mim, já tem medo de mim, no máximo o que vai acontecer é eu ir pra cama com eles um dia, mas isso também não tira pedaço de ninguém, no outro dia acabou e eu sou muito tranquila com relação a isso, sou muito bem resolvida. Eu sou bem diferente dessa geração de feministas que tem hoje em dia que ‘meu deus, eu fui para a cama com um machista, meu deus, vai cair um pedaço de mim’. Não sou desse tempo, entendeu? Para mim, cafajeste passar pela tua vida faz parte, o problema é o cafajeste ficar na tua vida, esse é que é o problema, e na minha nunca ficou, porque eu nunca deixei, eu sempre impus a minha liberdade, eu sempre fui muito impositiva naquilo que eu queria, muito firme e determinada. Então eu noto que por isso eu me afastei realmente das pessoas que eu queria me afastar. Eu posso dizer que funcionou e eu fui entrando cada

vez mais para dentro da ‘bolha’, selecionando meus parceiros e minhas amizades.

A identificação com a não-monogamia, nesse sentido, faz parte de um registro mais profundo de formação da sexualidade como mulher puta. Se não tivesse a consciência política das relações livres, Viviane seria puta de qualquer maneira, sujeita aos mesmos preconceitos que sofre desde a pré-adolescência, intensificados pela marca da traição, estigma de reforço e complementaridade da monogamia (MINT, 2004). Com efeito, ela não vê a possibilidade do não julgamento de seu comportamento sexual, devido à posição subalterna que ocupa como mulher. Dessa forma, celebra o fato de poder contar com uma teoria em que, como fala, “ela não está errada, errados são os outros”.

Não obstante, desde bem jovem Viviane se impõe nos relacionamentos, assegurando vontades e liberdades, compondo, assim, agenciamentos marcantes, negociados muitas vezes em contextos assimétricos de gênero (SCOTT, 1999; MAHMOOD, 2006; ORTNER, 2006; BRAH, 2006; PISCITELLI, 2008). Assim, define-se como uma mulher que faz exatamente aquilo que quer: “sempre fiz o que quis, peguei quem quis; quando quis viajar, viajei; quando quis namorar, namorei; e quando quis engravidar, engravidei”. Tal postura, em sua percepção, é resultado da personalidade “mandona e dominante”, que lamenta faltar em muitas mulheres. Apesar das experiências desgastantes em algumas relações, ela rejeita a narrativa da mulher subalterna como vítima passiva e prefere situar-se horizontalmente com os homens, avaliando suas relações em termos de corresponsabilidades.

Tais agenciamentos podem ser compreendidos, em uma perspectiva de cartografia dos afetos, como devires nômades de fugas moleculares (DELEUZE e GUATTARI, 1995, 2011; GUATTARI e ROLNIK, 1996) em relação à monogamia e às expectativas comportamentais de gênero. Contudo, também são caracterizados por movimentos de reterritorialização, como a cristalização da identidade RLi, que criou uma segmentarização não-monogâmica. Viviane também passou por uma reterritorialização monogâmica em seu último namoro fechado, em que teve o próprio agenciamento restringido, fazendo concessões e se submetendo a controles até então inaceitáveis, em

um momento da vida em que estava enfraquecida e sentindo muita solidão.

Não há propriamente uma reterritorialização monogâmica a partir de sua gravidez. Viviane assevera que o que ocorreu foi a moderação na vida de puta, devido às obrigações impostas pela chegada da criança. Houve uma mudança de intensidade, não exatamente uma ruptura. Ela enaltece a maturidade de sua relação com Humberto, que segue muito mais os princípios poliamoristas de diálogo, mutualidade e dedicação ao outro (PILÃO, 2012, 2017; SILVÉRIO, 2018) que o primado RLi da autonomia individual, ainda que ela a defina como relação livre. Viviane não cogitou fechar o relacionamento durante a gravidez e o puerpério, pois “não quis dar esse passo em direção à monogamia”. A “quase exclusividade” conjugal surgiu, segundo ela, como “consequência natural” da dedicação de ambos a esse momento especial. Apesar disso, reconhece ser essa uma situação muito complicada para as mulheres, que geralmente se sentem inseguras, buscando o fechamento ao menos temporário da relação.

De acordo com ela, o relacionamento é ótimo, sem brigas, estresse ou ciúmes. De vez em quando ficam com outras pessoas, mas é algo raro e que não passa de encontros fortuitos. Viviane demonstra o anseio de voltar a se relacionar afetivamente com outras pessoas: “eu acho que a qualquer momento vai pintar uma pessoa para mim ou para ele, e a gente vai voltar a ter uma dinâmica de envolvimento múltiplo. É o que eu espero”. Depois da entrevista, ela chegou a me procurar para relatar, empolgada, algumas de suas aventuras. Mas não fiquei sabendo de nenhuma relação nova sua com envolvimento afetivo duradouro nesse período. Viviane escreve sobre suas experiências não-monogâmicas como “terapia”, como diz, visando a “digestão dos próprios afetos”, então sigo a acompanhando esporadicamente através do que ela divulga.

Em relação à rotina doméstica, ela trabalha fora e sai mais de casa que o companheiro, que fica cuidando da filha e das outras crianças do projeto de educação comunitária. Viviane expressa sentimentos ambíguos a respeito disso, pois se preocupa com a vida profissional de Humberto, desempregado, ao mesmo tempo em que se sente realizada por ele ser um ótimo pai. Além disso, mostra-se aliviada por não ser “dona de casa”, pois “não suportaria ser a ‘namoradinha’, a ‘mulherzinha’ e viver em função de uma criança”. Atualmente está

menos ativa na vida de puta, mas tem uma vida social externa que adora e segue perseguindo o que chama de “sonhos maiores”, isto é, projetos que excedem a dinâmica da vida familiar.

Considerações finais

Nesse artigo, procurei refletir sobre o agenciamento em relações não-monogâmicas a partir da história de Viviane. Evidenciando suas experiências e discutindo sobre como elas ajudaram a compor uma trajetória afetiva e sexual impositiva e orgulhosa, lancei luzes para pensar suas relações para além do assujeitamento, demarcando uma posição teórica assertiva da potência intrínseca a todo sujeito. Para tanto, busquei compreender as experiências de Viviane como devires formados na multiplicidade que compõe os corpos humanos desejanos (DELEUZE e GUATTARI, 1995, 2011; GUATTARI e ROLNIK, 1996; BIEHL, 2008).

Recuso-me a enxergá-la como mulher subjugada, pois, assim, estaria falsificando sua história. Viviane se define como uma mulher forte, mandona e independente, que tem “sonhos maiores” na vida e não se deixa submeter ao controle de nenhum homem. Além de enaltecer o viés emocional e sexual de sua formação como pessoa não-monogâmica, através do qual se declara uma puta apaixonada, ela revela que toda essa transformação é resultado de coragem e insubordinação, materializadas em batalhas contra imposições sociais explícitas e invisíveis que ela, com veemência, quase sempre se recusou a acatar.

Busquei na abundância de suas experiências, nas dores e alegrias, na visceralidade e altivez da condição de puta, nos preconceitos sofridos, nos comportamentos impositivos e assertivos, bem como no amadurecimento formado no encontro com as relações livres e com a maternidade, os rastros para mostrar que, embora ninguém seja completamente livre e agente de sua vida, tampouco existe pessoa completamente assujeitada. Ao mesmo tempo em que reiterou normatividades de gênero e sexualidade e que, por vezes, foi enfraquecida e submetida em relações desiguais de poder, ela produziu agenciamentos que a fortaleceram (MAHMOOD, 2006; BRAH, 2006; ORTNER, 2006; PISCITELLI, 2008), os quais advêm da potência constitutiva dos sujeitos, bem como da impossibilidade de contenção de todos os seus fluxos por molaridades de poder. Com efeito, esses agenciamentos podem mobilizar a produção

de resistência e diferença, mas também podem ser capturados e tomar outros rumos, como o da própria reiteração do poder.

A história de Viviane não começa e nem termina nestas linhas, e se soma às histórias de todas as outras pessoas subalternizadas que, constrangidas arbitrariamente por violências, preconceitos e estigmas geradores de sofrimento, reorganizam-se através de agenciamentos de resistência e contrapoder, que as fazem perseverar na arteficialidade da diferença, atributo tão belo da espécie humana.

Referências bibliográficas

ARAN, Márcia; PEIXOTO JR, Carlos A. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. In: **Cadernos Pagu** (28), jan-jun de 2007, pp.129-147.

BARBOSA, Mônica Araújo. **Movimentos de resistência à monogamia compulsória**. A luta por direitos sexuais e afetivos no século XXI. Dissertação de Mestrado em Desenvolvimento e Gestão Social – Universidade Federal da Bahia. Salvador: 2011.

BARBOSA, Mônica Araújo. **Poliamor e Relações Livres: do amor à militância contra a monogamia compulsória**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco – Luminária Academia, 2015.

BECK, Ulrich; BECK-GERNSHEIM, E. **La individualización: El individualismo institucionalizado y sus consecuencias sociales y políticas**. Barcelona: Paidós, 2003.

BENTO, Berenice; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. In: **Revista Estudos Feministas**, 20(2), pp.569-581, 2012.

BIEHL, João. Antropologia do devir: psicofármacos, abandono social, desejo. In: **Revista de Antropologia**. São Paulo, USP, 2008, v.51 n.2.

BIEHL, João; ESKEROD, Torben. **Vita**. Life in a zone of social abandonment. California: California Uni-

versity Press: 2005.

BIEHL, João; PETRYNA, Adriana. **When people come first**. Princeton: Princeton University Press, 2013.

BORNIA JR, Dardo Lorenzo. **Amar é verbo, não pronome possessivo: etnografia das relações não-monogâmicas no sul do Brasil**, Tese de doutorado em Antropologia Social. Porto Alegre, 2018.

BOZON, Michel. **Sociologia da sexualidade**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BRAH, Avtar. Diferença, diversidade, diferenciação. In: **Cadernos Pagu** 26, 2006, pp.329- 365.

BUTLER, Judith. “Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do sexo”. In: LOURO, Guacira L. (org.). **O corpo educado**. Pedagogias da Sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CARDOSO, Daniel. **Amando vári@s**. Individualização, redes, ética e poliamor. Tese. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2010.

CARRARA, S. Moralidades, racionalidades e políticas sexuais no Brasil contemporâneo. In: **Mana**, vol.21, n.2, Rio de Janeiro, 2015.

COSTA, Jurandir Freire. **A inocência e o vício: estudos sobre o homoerotismo**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1992.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol.1. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O anti-Édipo: capitalismo e Esquizofrenia**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2011.

EASTON, Dossie; HARDY, Janet W. **The ethical slut: a practical guide to polyamory, open relationships & other adventures**. 2nd. Edition. Berkeley: Celestial Arts, 2009.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. In: **Cadernos de campo**. v.13, n.13. São Paulo: USP, 2005

- FONSECA, Denire Holanda da et al. Violência contra a mulher: realidades e representações sociais. In: **Psicologia e Sociedade**, 24 (2), 2012.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2003.
- GIDDENS, Anthony. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas**. São Paulo: Ed. UNESP, 2011.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica: cartografias do desejo**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- HEILBORN, Maria Luiza. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário**. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.
- FRANÇA, Matheus. **Além de dois existem mais: estudo antropológico sobre poliamor em Brasília/DF**. Dissertação de Mestrado em Antropologia Social. Universidade de Brasília UnB. Brasília: 2016.
- KESSLER, Cláudia. Novas formas de relacionamento: fim do amor romântico ou um novo amor-consumo? In: **Sociedade e cultura**, v.16, n.2, 2013.
- KLESSE, Christian. Polyamory and its 'others': contesting the terms of non-monogamy. In: **Sexualities**, v.9, n.5, 565-583, 2006.
- MAHMOOD, Saba. Teoria feminista, agência e sujeito liberatório: algumas reflexões sobre o revivalismo islâmico no Egito. In: **Etnográfica**, vol. 10 (1), 2006, pp.121-158.
- MEINERZ, Nadia Elisa. **Mulheres e masculinidades**. Etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre. Tese de Doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- MINT, Pepper. "The Power Dynamics of Cheating: effects on polyamory and bisexuality". In: **Journal of Bisexuality**, vol. 4, nº 3-4, p. 55-76, 2004.
- ORTNER, Sherry. Poder e projetos: reflexões sobre a agência. In: **Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas**. 25ª RBA. Goiânia, 2006.
- PILÃO, Antonio; GOLDENBERG, Mirian. Poliamor e monogamia: construindo diferenças e hierarquias. In: **Revista Ártemis**, v.13. João Pessoa: 2012.
- PILÃO, Antonio. Entre a liberdade e a igualdade: princípios e impasses da ideologia poliamorista. **Cadernos Pagu**, Campinas, SP, n. 44, p. 391-422, jun. 2015.
- PILÃO, Antonio. "Por que somente um amor?" Um estudo sobre poliamor e relações não-monogâmicas no Brasil. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2017.
- PISCITELLI, Adriana. Interseccionalidade, categorias de articulação e experiências de migrantes brasileiras. In: **Sociedade e Cultura**, vol.11, nº2, Jul/Dez, pp.263-274, 2008.
- RODRIGUES, Marco et al. **Relações livres: uma introdução**. Porto Alegre: Editora Regina Faria, Coleção RLi, 2017.
- ROSENEIL, Sasha. Viver e amar para lá da heteronorma: uma análise *queer* das relações pessoais no século XXI. In: **Revista crítica de ciências sociais**, n.76, 2006.
- SCOTT, Joan. Experiência. In: SILVA, Alcione Leite; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Orgs.). **Falas de gênero**. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- SILVÉRIO, Maria. **Swing: Eu, tu ... eles**. Lisboa: Chiado, 2014.
- SILVÉRIO, Maria. **Eu, tu... ilus: poliamor e não-monogamias consensuais**. Lisboa: ISCTE-IUL. Tese de doutorado em Antropologia, 2018.
- VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si: uma interpretação antropológica da masculinidade**. Lisboa: Fim do Século, 1995.
- WEID, Olívia von der. **Adultério consentido: gênero, corpo e sexualidade na prática do swing**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.
- Blog <https://amarepermanecerlivre.wordpress.com/> Portland, Thorntree Press, 2014.